

RUI CORREIA X ANTÓNIO F. MABAS

50 ideias
para teimar
com alguém



PELO CONTRÁRIO

Anda debater, tu debates bem

nuvem
de letras



ÍNDICE

Contra o medo de discordar	5
Aborto	8
Alimentos transgênicos	10
Alterações climáticas	12
Animais em circos	14
Apropriação cultural	16
Barrigas de aluguer	18
Caça	20
Capitalismo e socialismo	22
Celibato na Igreja	24
Claques desportivas	26
Clonagem	28
Colonialismo e perdão	30
Defesa e cultura	32
Depilação e naturismo	34
Dietas	36
Direita e esquerda	38
Ditadura e democracia	40
Dois géneros	42
Embalagens e granel	44
Ensino doméstico	46
Escola e ideologia	48

Eutanásia	50
Evolucionismo	52
Exploração mineira	54
Fronteiras políticas	56
Guerra e paz	58
Humor e limites	60
Imigração	62
Inteligência artificial	64
Internet livre	66
Jardins zoológicos	68
Legalização das drogas	70
Machismo e feminismo	72
Medicinas alternativas	74
Música clássica e <i>pop</i>	76
Nudismo	78
Papel e ecrãs	80
Partos domésticos	82
Patriotismo	84
Pena de morte	86
Plásticas e rugas	88
Plásticos e biodegradáveis	90
Porte de armas	92
Prostituição legal	94
Religião e ateísmo	96
República e monarquia	98
Touradas	100
Transportes públicos e privados	102
Veganismo	104
Velhos e novos	106
Quanto mais debates, mais gosto de ti	108

CONTRA O MEDO DE DISCORDAR

Discordar é o desporto com mais praticantes em todo o mundo. Toda a gente discorda de quase tudo e existem provocações e indignações para todos os gostos. E toda a gente sabe que não há nenhum problema em discordar. **Discordar é, afinal, o fundamento de toda a liberdade.** Uma democracia consiste num sistema que confere a todos os cidadãos a comodidade funcional de poder discordar à vontade. Mas para que a coisa corra bem é indispensável perceber a distância que vai entre discórdância e discórdia, entre adversários e inimigos. **As redes sociais parecem pomares de escandaleiras, árvores carregadas de escândalos.** Não é fácil encontrar um qualquer assunto que alguém, algures, não corra a transformar em escarcéu.

De tal modo que já evitamos discordar. Afinal, para que havemos nós de discordar se vai aparecer alguém furiosamente decidido a transformar uma discussão num combate de vida ou de morte? Aquilo que todos queremos é férias, mar, livros, amores, poesia, natureza e música ao vivo. Leveza e boa *vibe*. Certo? Seria tão bom poder viver sempre assim, num permanente retiro de paz e harmonia, num paraíso de boa onda, sem juízos nem críticas. **O problema é que não faz nada bem à saúde pensar que podemos viver uma vida inteira sem discussão, sem opositores. Isso é uma ficção tóxica.** Nas novelas, os maus acabam sempre mortos ou na prisão. No mundo real, temos de saber viver com os nossos opostos. Precisamos de ir aos treinos.

É para isto que serve este livro. Para que se distingam as coisas. Este livro serve para estimular a discordância ao mesmo tempo que neutraliza a discórdia. Serve para escutar o adversário sem o ver como um inimigo. **É, por isso mesmo, um livro incompleto. Decididamente incompleto.** Um livro que reúne cinquenta temas ardentes e polémicos que dividem as pessoas em barricadas. Este livro fura a barricada e vai ter com o adversário para o escutar. Perceber a sua posição, o seu entendimento diferente. **É um livro para gente corajosa que aceite que a sua opinião não serve para nada, se se recusar a entender outras, opostas.** Este livro serve para ir à procura dos melhores argumentos que existem acerca de muitos assuntos difíceis de resolver. Sobretudo os mais controversos, os mais polémicos.

Discordar por discordar é parvo. Discordar por se ter melhor informação é vantajoso para todos. Todos sabemos que nada é a preto e branco na vida, a não ser este livro. Há sempre um ponto de vista válido que nos obriga a virar do avesso aquilo que pensávamos. **É isso que este «pelo contrário» pretende. Virar tudo constantemente do avesso.** Nada é mais saudável do que aceitar que a nossa opinião possa estar sempre contingente da existência de um melhor argumento. **E há sempre uma maneira melhor de dizer tudo. A vida é feita de decisões difíceis, que só se resolvem se conhecermos as muitas respostas possíveis para uma mesma pergunta.** Saber o que há de mais poderoso num argumento não significa que se abandone a validade de outro argumento oposto. Pelo contrário. O grande desafio de qualquer pessoa instruída é o de saber, genuinamente, apreciar e mesmo sustentar a validade dos argumentos que se opõem aos seus. Que o respeito pelo Outro não é lá grande coisa se o Outro estiver constantemente de acordo connosco.



Nenhum debate é produtivo nem necessário...

- **se não houver humildade e honestidade intelectual.**

Um debate não se destina a encontrar um vencedor, mas uma solução. Não há hierarquias nem inimigos. Há parcerias e aliados. Apresentar bem cada um dos participantes e as suas histórias pessoais é um modo de promover empatia e colaboração, mais do que a competição.

- **se não existir alguém que mantenha a discussão sempre no caminho certo.**

Um bom debate não é uma farra de ideias atiradas ao «calhas» para cima das pessoas. Um moderador é um intermediário e não um juiz.

- **se todos concordam muito uns com os outros.**

Um debate é uma massagem intelectual. Ou seja, o moderador do debate deve precisar e isolar pontos de eventual discordância, perguntando se estão todos de acordo com tudo. Nunca ninguém está de acordo com tudo.

- **se não privilegiar dados factuais e credíveis.**

Todos devem sublinhar veracidades e filtrar imprecisões dos argumentos adversários. O que se espera é clarificar e não combater. É a chamada fricção científica.

- **se não acontecer num ambiente protegido, livre de vexame.**

Um debate não é uma competição para saber quem fala mais alto, quem se preocupa mais com o assunto, ou quem convence melhor os outros. Começar o debate com um toque de bom humor cria condições para um debate franco e desembaraçado. Ninguém perde nada por mudar a sua opinião. Pelo contrário.

Aborto

A interrupção voluntária da gravidez é considerada por muitos como um direito que não pode ser negado a uma mulher. Considera-se que a mulher tem o dever de exigir que qualquer decisão sobre o seu corpo seja tomada por si e por mais ninguém, e que muito menos o Estado deve interferir na liberdade individual neste domínio tão íntimo e privado. A legalização do aborto permite acabar com práticas criminosas de indivíduos que, ilegalmente, a troco de dinheiro, fazem abortos, muitas vezes em condições degradantes. O aborto legal permite que estas intervenções clínicas sejam feitas em hospitais ou clínicas especializadas que evitam complicações pós-abortivas ou mesmo a morte da mulher grávida. O acesso ao aborto legalizado permite que a mulher possa preservar o direito de fazer escolhas sobre o seu futuro reprodutivo, considerando variáveis determinantes como estabilidade financeira, aspirações profissionais, responsabilidades familiares, escolhendo o momento adequado para engravidar. O aborto legal permite ainda evitar gravidezes indesejadas que teriam consequências negativas ou traumáticas para a mãe, a sua família e para o bebé, incluindo o risco de pobreza, negligência ou abuso.



Aborto

Os opositores ao acesso legalizado ao aborto defendem que não existe nenhuma razão para considerar que uma vida humana ainda por formar não representa, em todo o caso, uma verdadeira vida humana, que deve ser defendida a todo o custo. A vida humana inicia-se na fecundação e deve ser respeitada e protegida. O aborto interrompe o crescimento natural de um ser humano indefeso e vulnerável. Considera-se que o Estado deve proporcionar alternativas sólidas à mulher que se confronta com uma gravidez indesejada. Passar por um aborto traz frequentemente consigo uma quantidade de consequências físicas e emocionais que não podem ser ignoradas: o aumento dos riscos de infertilidade, bem como períodos de depressão e ansiedade intensa têm sido referidos como frequentes após os procedimentos abortivos. Refere-se ainda que a legalização do aborto perpetua uma visão utilitarista da vida humana que, assim considerada, poderia ser determinada pela sua conveniência ou utilidade para os outros – algo que é eticamente inaceitável.



Alimentos transgênicos

A modificação genética dos alimentos existe para melhorar a eficiência das culturas agrícolas, permitindo que as plantações se tornem resistentes a pestes e doenças sem recorrer a herbicidas ou pesticidas que nada mais são do que produtos altamente tóxicos. Na verdade, a dita agricultura tradicional recorre há séculos a estas soluções químicas, sendo reconhecidamente responsável por uma contaminação global dos solos e das águas subterrâneas. O impacto ambiental da agricultura geneticamente modificada é bastante mais reduzido do que o da agricultura convencional. O resultado da engenharia genética aplicada à agricultura tem sido a produção de maiores colheitas e a disponibilização de maior quantidade de alimentos de qualidade. A crescente procura de produtos alimentares, em termos globais, pressionada por um aumento continuado da população, exige que a ciência genética garanta que a exploração dos solos seja eficaz e que não se esteja a cultivar e a esgotar terrenos aráveis inutilmente, descuidando o potencial produtivo que podem assegurar. Algumas plantações transgênicas são concebidas para serem tolerantes a solos áridos ou de elevado teor salino, o que tem permitido recorrer a solos até hoje considerados inviáveis para o cultivo. Produtos transgênicos conservam-se durante mais tempo, contribuindo para uma diminuição do desperdício alimentar e redução dos preços da comida.



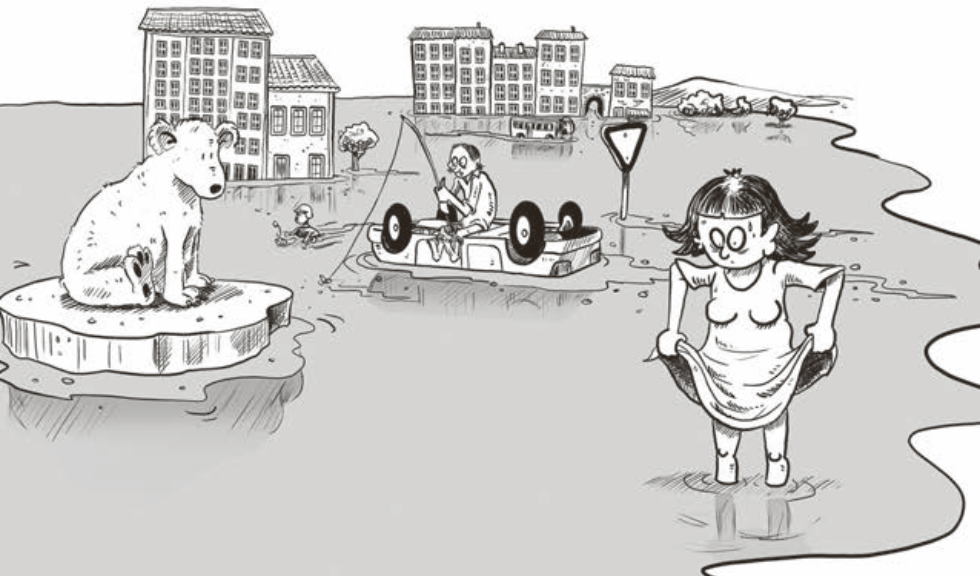
Alimentos transgênicos

O risco de poluição genética da engenharia transgênica é muito elevado e ainda não são totalmente conhecidas as consequências ecológicas que esta tecnologia pode vir a provocar, nomeadamente com a chamada polinização cruzada. A ampliação das culturas transgênicas tem contribuído para uma perda considerável de biodiversidade, uma vez que as plantas nativas não conseguem competir com outras espécies geneticamente robustecidas. Não se conhecem ainda os efeitos a longo prazo ditados pelo consumo de alimentos transgênicos. O mérito de uma cultura transgênica é, curiosamente, a sua maior imperfeição: o cultivo continuado de plantas resistentes a pragas e herbicidas conduz ao desenvolvimento de populações de ervas daninhas também elas resistentes a pragas e herbicidas, reduzindo, a curto prazo, a eficiência das culturas transgênicas, e levando à necessidade de utilizar novos herbicidas. A propriedade comercial das patentes genéticas levanta também o problema jurídico do controlo sobre a liberdade de produção agrícola. O abastecimento alimentar mundial pode acabar por ficar concentrado nas mãos de grandes empresas que possuem os direitos exclusivos de utilização destes recursos científicos.



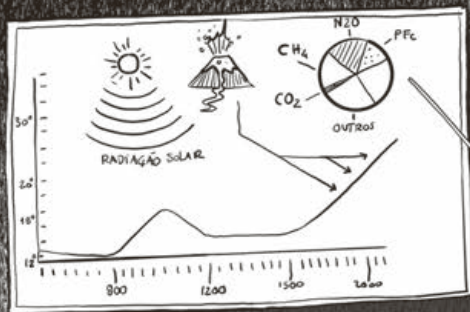
Alterações climáticas

Existem provas cientificamente documentadas de que o planeta Terra atravessa uma alteração climática. As temperaturas globais médias têm aumentado desde o século XIX mais do que 1 grau Celsius, sobretudo desde finais do século XX. Por consequência, a área coberta de gelo nas regiões polares tem vindo a reduzir-se dramaticamente, o que implica uma subida constante dos oceanos. Estimam os cientistas que essa subida foi de 20 centímetros só nos últimos cem anos. O aumento de dióxido de carbono na atmosfera tem tornado a água do mar mais ácida e mais quente, pondo em risco numerosos ecossistemas marinhos. A ocorrência de eventos atmosféricos extremos enquadra-se perfeitamente nas consequências que se esperam de um planeta em constante aquecimento. A comunidade científica mundial tem demonstrado sucessivamente que as alterações climáticas são uma realidade documentável e que essas alterações se devem concretamente à influência humana e à produção excessiva de lixo e libertação de gases tóxicos na atmosfera.



Alterações climáticas

Para se poder garantir e provar, com alguma certeza, que existe uma responsabilidade humana nas alterações climáticas que o planeta atravessa, seria necessário possuir informações que recuassem algumas centenas de anos. Quase todos os dados utilizados para estabelecer essa relação foram recolhidos de forma sistemática a partir de meados do século XIX. Entender o calendário do planeta como um calendário de curta duração é não compreender a variabilidade natural do clima. Está documentado que existiu um período de aquecimento semelhante por volta dos séculos IX a XIII que não pode ser atribuído ao Homem. É insensato excluir outras variáveis para compreender estas alterações. A flutuação das radiações solares, o dinamismo vulcânico natural e os ciclos oceânicos são realidades científicas cuja influência pode estar a ser subestimada. Além disso, os modelos de previsão climática não se têm revelado credíveis. Muitos dos cenários mais ou menos catastróficos que foram publicados e divulgados acabaram por não se confirmar. A intervenção do dióxido de carbono no aquecimento da atmosfera parece ser sobrevalorizada. O CO_2 representa apenas uma pequena percentagem dos gases presentes na atmosfera e a sua influência não parece ser especialmente determinante.



RUI CORREIA X ANTÓNIO F. MABAS

50 ideias
para teimar
com alguém



penguinlivros.pt

ISBN 9789897876394
9 789897 876394 >

PELO CONTRÁRIO

Anda debater, tu debates bem

nuvem
de letras